

AS CRIANÇAS DE TIMOR COMO TESTEMUNHO DA GUERRA E DA DESTRUÇÃO

*Maria de Jesus Barroso Soares **

Em todos os conflitos — e o mundo actual é, infelizmente, fértil neles — as crianças são as principais vítimas. Em Timor não escaparam a essa terrível regra.

Testemunhas dos crimes mais brutais, elas conservaram nas suas mentes imagens, dificilmente apagáveis, de cenas do horror e da violência de que os seus pais e parentes mais próximos foram vítimas.

As que escaparam conseguiram sobreviver sem grandes estragos físicos aparentes. Lembro-me de, em Díli, uma médica da nossa Missão me ter chamado a atenção para o facto de que as crianças que estava tratando e que, portanto, tinham sobrevivido, não acusavam desidratação e outros traumas físicos visíveis. Aliás, a doçura do povo timorense e o seu cuidado com os mais pequenos, fez que muitos deles fossem poupados às carnificinas de que os adultos foram o principal alvo.

Mas há que cuidar, urgentemente, das crianças — não só física como psicologicamente. Dar-lhes os cuidados, a atenção e o afecto de que necessitam para viver e crescer.

Dar-lhes abrigo, reconstruindo as casas para as receberem, formando os adultos, profissionais ou voluntários, para as saberem cuidar devidamente. Levantar as escolas, as paredes que caíram, os tectos que desabaram e que têm de voltar a ser espaços de alegria, formação e educação, convívio e conforto — são tarefas urgentes e indispensáveis.

Estamos — a Cruz Vermelha, a Fundação Pro Dignitate e a União das Misericórdias — também angariando livros e toda a espécie de material escolar para que elas possam frequentar as escolas e reganhar o tempo perdido com a guerra fratricida que feriu — e ainda fere, ai de nós! — aquele martirizado povo.

No âmbito da Cruz Vermelha pensei, depois de uma conversa com o Padre Dr. Vítor Melícias, que talvez pudéssemos ajudar os timorenses a construírem e

* Presidente da Cruz Vermelha Portuguesa.

organizarem uma Sociedade Nacional da Cruz Vermelha para poderem, por si sós, responder prontamente aos pedidos de ajuda que chegam e chegarão ainda de muitos pontos desse território.

Mas entretanto — e enquanto não nos for confirmada a aceitação, por parte dos timorenses, dessa ideia — já mandámos reconstruir uma casa que será destinada a um lar para crianças que tenham perdido os seus pais.

A nossa grande preocupação tem sido — e continuará a ser — a de desencadear acções de socorro às crianças, apresentando projectos e aceitando realizar projectos que nos sejam propostos pelas autoridades governamentais e pela Igreja timorenses e que tenham como objectivo a protecção e reintegração da criança na sociedade.

Dizia Fernando Pessoa: «mas o melhor do mundo são as crianças» — é a profunda consciência dessa afirmação que nos move. Elas são, efectivamente, o melhor do mundo e a sua sobrevivência — em paz e em dignidade — é condição também de sobrevivência desse mundo.

Cuidar, portanto, das crianças timorenses — livrá-las da morte, da fome, da doença, da ignorância, respeitar e fazer respeitar, em suma, os seus direitos inalienáveis — é lançar os alicerces para um Timor de paz, de tolerância e de fraternidade, um Timor onde o sol nasça e envolva, no seu calor e luz, todo o seu tão sacrificado povo e sobretudo as suas crianças.